

IADE: A fundação do IADE e seus principais intervenientes

Em 1969, António Quadros, intransigente na defesa e valorização dos elementos essenciais da cultura portuguesa (Artur Anselmo, Diário de Notícias, 25/3/93), lançou o que hoje se identifica como uma 'empresa de ideias', o IADE, sigla que rapidamente representou um projecto de renovação no âmbito do ensino artístico em Portugal. António Quadros reuniu para essa tarefa um grupo de figuras de referência: Lima de Freitas, que convidou para o cargo de director, e para professores desafiou alguns nomes prestigiados ligados à cultura e às artes plásticas, com destaque para Manuel Lapa e Manuel Costa Martins. Por sua vez, Mestre Lapa com a conivência de António Quadros convidou para assistentes, Rafael Salinas Calado e Manuel Costa Cabral. A todos o Instituto ficou a dever contributos decisivos para encetar uma experiência pedagógica que rapidamente evoluiu de um curso de Decoração (de início IADE, implicou Instituto de Arte e Decoração), para uma prática consentânea com uma nova disciplina do século XX, o Design, que só nos fins dos anos 50 e principalmente na década de 60 começava a ter alguma expressão em Portugal.



Da esquerda para a direita: Lima de Freitas; António Quadros; Manuel Lapa; Manuel Costa Martins

Este carácter pioneiro no ensino do Design tornar-se-á ao longo dos anos a mais-valia da instituição, junto com o papel de constante intervenção cultural na sociedade portuguesa que António Quadros reservou ao IADE fosse através dos debates sobre Cultura Portuguesa onde, para além da sua figura tutelar, intervieram muitas e variadas personalidades, como os escritores David Mourão-Ferreira, Natália Correia, José Carlos Ary dos Santos, José Gomes Ferreira, o pensador e ensaísta Agostinho da Silva, o arquitecto e designer Eduardo Anahory, o engenheiro Santos Simões (fundador do Museu do Azulejo), o pintor Eduardo Nery, o cineasta Manuel de Oliveira; fosse ainda através das exposições de Arte Contemporânea comissariadas pelo crítico Egídio Álvaro.

Notas biográficas: (autoria da Prof^a. Doutora Maria Helena Souto)

António Quadros (1923-1993)

Difícil é dizer em curto espaço o percurso tão rico e estimulante deste homem movido por interesses espirituais, fiel às suas convicções, aberto ao diálogo, amigo do seu amigo (Mário Soares, Março 1994).

Aqui ficam tão só algumas notas:

Pensador, crítico e professor, também poeta e ficcionista, filho dos escritores Fernanda de Castro e António Ferro, foi um dos principais impulsionadores, com Afonso Botelho e Orlando Vitorino, da revista 57 de que foi director e onde uma geração da cultura portuguesa, incentivada pelo magistério de Álvaro Ribeiro (1905-1981), se empenharia na formulação de uma "filosofia portuguesa". António Quadros prosseguiu nesta linha de pensamento durante mais de três décadas, ligado ao que já foi designado por uma patriosofia, explorando o propósito de determinar uma razão de ser para Portugal e as virtualidades do mito e da saudade como sua expressão (Introdução à Filosofia da História, 1982; Poesia e Filosofia do Mito Sebastianista, 1982; Portugal Razão e Mistério, 1986-87).

Em 1970, por morte do escritor Domingos Monteiro, a António Quadros coube a tarefa de dirigir as Bibliotecas Itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian. No IADe leccionou durante vários anos as disciplinas de História de Arte, Cultura Portuguesa e Deontologia da Comunicação, disciplina que também ministraria na Universidade Católica Portuguesa. Em 1971 assumiu o cargo de director-geral do IADe, cargo que manteve até 1992, vindo a ser substituído por seu filho, António Roquette Ferro.

José Maria Lima de Freitas (1927-1998)

Pintor, ilustrador, ensaísta e professor, Lima de Freitas situou a sua obra entre um realismo e uma surrealidade mística. De 1948 a 1954, sob influência do neo-realismo, dedicou-se intensamente à pintura. De 1954 a 1959, em Paris, Lima de Freitas revelou-se como um ilustrador com qualidades ímpares: as suas ilustrações não são apenas alusivas, mas discursivas, apoiadas numa rara preparação literária.

Da sua vasta e plurifacetada obra destaque ainda para a execução de painéis de azulejos, cartões para tapeçarias de Portalegre, peças de cerâmica artesanal de Porches (Algarve). Realizou inúmeras exposições e colaborou em vários salões colectivos, nomeadamente, nas Exposições Gerais de Artes Plásticas (durante dez anos consecutivos); na 2. Bienal de São Paulo ou na Exposição Gulbenkian de 1957.

Manteve uma intensa actividade como ensaísta e divulgador dos problemas da arte contemporânea, e além de primeiro director do IADe entre 1969-1971, desempenhou o cargo de direcção no Teatro Nacional de D. Maria e o de director-geral da Acção Cultural, da então Secretaria de Estado da Cultura.

A Lima de Freitas em conjunto com Manuel Lapa, ficou ainda o IADe a dever o primeiro Curso Livre de Pintura que, com os Cursos Livres de Fotografia (criado por Costa Martins) e de Cerâmica (criado por Rafael Salinas Calado), marcam gerações da cultura artística portuguesa.



Manuel Lapa (1914-1979)

Nome artístico do pintor, decorador e designer gráfico Manuel Francisco de Almeida e Vasconcelos, aristocrata por linhagem e pelo saber, o Mestre, de ofício também.

A Manuel Lapa deve o IADE a afirmação do ensino do Design: graças à implementação por si - com o total e interessado apoio de António Quadros - de métodos pedagógicos marcados pelo carácter experimental, inspirados nos modelos inglês e austríaco das escolas de Artes e Ofícios (nascidas por influência do movimento Arts and Crafts de William Morris). As aulas eram dadas no regime de atelier, com afirmação da componente oficial, tal como o vinha também a desenvolver desde os anos 50 o seu amigo, arquitecto e pintor Frederico George (1915 -1994), nomeadamente, na Escola de Belas-Artes de Lisboa, onde Manuel Lapa foi igualmente professor no Curso de Pintura.

Logo em 1969, Manuel Lapa chamou para o coadjuvarem nas aulas-atelier do IADE, dois promissores jovens: o pintor, museólogo, especialista em cerâmica e azulejaria, Rafael Salinas Calado (1937-2006), e o pintor, designer de exposições e professor Manuel da Costa Cabral (1941), actual director do Serviço de Belas-Artes da Fundação Calouste Gulbenkian.

Manuel Costa Martins (1922-1996)

Arquitecto, fotógrafo e pintor. A paixão pela fotografia, levou-o a fotografar com o seu colega e amigo, arquitecto Victor Palla (1922-2006), a cidade de Lisboa entre 1956 e 1958, reunindo um conjunto de trabalhos apresentados em 1958 na Galeria do Diário de Notícias (Lisboa) e na Galeria Divulgação (Porto), sob o título Lisboa, Cidade Triste e Alegre, publicados no livro homónimo em 1959, numa edição dos autores que apresenta a acompanhar as fotografias (deliberadamente não identificadas em termos de autoria), excertos de poemas de autores portugueses. Manuel Costa Martins co-fundou em 1973, a Galeria Prisma 73, em Lisboa, na qual assumiu protagonismo como divulgador cultural. Apresentou regularmente o seu trabalho em diversas exposições colectivas desde os anos 40. Como professor dedicou-se ao ensino no IADE, onde desempenhou um importante papel na promoção da Cultura Visual, nas suas diversas vertentes e onde lançou as bases dos actuais Laboratório e Curso de Fotografia.